

## O Poder dos Paradigmas nas Áreas da Cultura, Educação e Saúde do Homem Moderno

Bernardo Melgaço da Silva<sup>1</sup>

### Resumo

As novas ciências de um século para cá vem produzindo mudanças no modo como encaramos as relações com o outro e com a natureza. A crescente inovação tecnológica vem provocando uma revolução científica e cultural fantástica: filmes, computadores, robôs, telefones celulares, aviões, braços cibernéticos, sensores e outros artefatos tecnológicos e culturais extremamente sutis e complexos. Essas invenções produzem um novo devir do indivíduo e da sociedade acarretando uma acelerada forma de adaptação, significação e re-organização da sua visão e experiência de mundo. Nesse contexto, surge um descompasso onde o novo não nasceu e o velho não morreu ainda, ou seja, desponta inevitavelmente uma crise de percepção. Por isso mesmo, faz-se necessário uma releitura da realidade social e seus paradigmas em bases (premissas) atualizadas.

**Palavras-chave:** Ciência. Poder. Educação

### Abstract

Modern science, from a century ago, has been producing changes in the way we face our relationship with others and with nature. Growing technologic innovation has given rise to a fantastic scientific and cultural revolution: movies, computers, robots, cel phones, airplanes, cybernetic arms, sensors and other cultural and technologic artifacts extremely delicate and complex. These inventions produce a new transformation of the individual and of society, causing an accelerated form of adaption, meaning and re-organizing of their vision and experience of the world. In this context, an unevenness occurs in which the new hasn't yet been born and the old hasn't yet passed, which means, a crisis in perception inevitably arises. Because of this, an updated reassessment of the social realities and its fundamental paradigms becomes necessary.

**Keywords:** Science. Power. Education.

<sup>1</sup>Formado em Engenharia Elétrica Modalidade Eletrônica pela Universidade Santa Úrsula (1982-RJ). Mestrado em Ciências em Engenharia de Produção (COPPE/UFRJ - 1992) e doutorado em Ciências em Engenharia de Produção - Área de Concentração: Engenharia de Produto e Gerência da Produção (COPPE/UFRJ - 1998). Coautor de Livros em sua área de interesse.

Contato : bernardomelgaco@gmail.com.

## Introdução

A grande questão das relações humanas e formulação de novas teorias sociais perpassa por esses questionamentos: Quanto a cultura e a formação do caráter imprimem na consciência humana um caminho de estilo de vida e modo de investigação científica? O homem é guiado pela cultura ou pelo caráter? O caráter é adquirido ou é próprio e intrínseco à natureza humana? O desenvolvimento do caráter é alcançado por instrumentos formais da educação moderna institucionalizada? Ou será que o caráter diz respeito a um processo evolutivo determinado por fatores ontológicos (supra-sociais) não muito bem compreendidos pelas análises racionais? Creio, que o caráter é um processo evolutivo determinado por fatores ainda ignorados pelas nossas abordagens investigativas racionais.

Nesse sentido, todo ser humano tem caráter, mas nem todos expressam com a mesma intensidade e a força devida. O caráter diz respeito a identidade-alteridade mais profunda do ser. É o que Martin BUBBER (s.d.) denomina de relação EU-TU com o mundo sagrado. A identidade se processa numa relação perceptiva entre o ser, o mundo e o Criador. E essa relação se dá em diversos níveis de alteridade, desde o mais baixo até o mais alto de encontro ou empatia de valores fundantes e evolutivos da natureza humana. Na medida que cada um desenvolve uma capacidade de se relacionar consigo mesmo, com o mundo e com seus semelhantes, a sociedade representará a síntese desse universo de potencialidades desenvolvidas.

A palavra cultura, segundo a ótica de Alfredo BOSI (1992), diz respeito a ação humana no processo de semear, ou seja, induzir ou introduzir no solo da consciência a semente que germinará e crescerá de acordo com as condições psicológicas-espirituais de cada um. Nesse contexto, cada ser humano é um semeador e ao mesmo tempo um solo receptivo (ou não). O que significa dizer que enquanto o caráter ser de natureza ontológica, ou seja, própria de cada um e que portanto não tem uma origem externa ao homem, a cultura por sua vez é determinada pelas condições psicológicas-espirituais-temporais de cada época. Em suma, caráter é um fenômeno a-histórico e não-cultural, enquanto que a cultura é um fenômeno histórico e circunstantial. A partir daqui, podemos refletir os diversos comportamentos sociais em função do ser predominante: ser pessoa ou ser indivíduo. Indivíduo e

pessoa, são duas categorias filosóficas-ontológicas que se distinguem em função dos traços psicológicos-espirituais (força ou fardo) que predominam no ser. Os traços-forças são aqueles princípios ou valores responsáveis pela natureza do caráter e equilíbrio ético-moral da pessoa.

Os traços-fardos são os princípios e valores responsáveis pela natureza da cultura e desequilíbrio ético-moral do indivíduo. Indivíduo e pessoa são forças ou movimentos ontológicos na dinâmica da vida do ser. Ora podemos ser indivíduos e ora podemos ser pessoas. O que vai determinar a predominância de cada uma dessas forças ontológicas, será o nível cultural da sociedade e o nível evolutivo do ser. Ora, a cultura agirá levando o ser a um comportamento alinhado com os valores (fardos) sociais predominantes da época. E ora, a própria natureza do caráter, em cada um, agirá conduzindo o ser a um comportamento alinhado com os valores (forças) supra-sociais determinantes do Espírito. Nesse sentido, o homem vive e se orienta em função de um duplo meio que o cerca e o alimenta: social e natural.

Os valores culturais são oriundos do meio social do indivíduo na sua relação com os costumes e tradições da comunidade; os valores do caráter são oriundos do meio natural da pessoa na sua relação com o Espírito. O ser vive num eterno movimento pendular, num extremo ele experiencia a força de atração dos valores individuais pregados pela sociedade (a dimensão física do ser); num outro extremo ele vivencia a força de atração dos valores pessoais determinados e captados do Espírito (a dimensão metafísica do ser). Vivência e experiência se distinguem como dois modos de relação e aprendizado do ser. A vivência é uma experiência íntima e, portanto, supra-racional e supra-social. Os atos humanos serão determinados por essas duas forças que agem na psique de cada um. Daí a relevância do trabalho de investigação da percepção humana tanto no contexto da origem do caráter quanto da visão de mundo na vida moderna.

E quanto ao trabalho de investigação da percepção humana SILVA (1992) afirma:

A consciência é o complemento da percepção assim como a produção é o complemento do trabalho. Precisamos perceber para alcançarmos o estágio de consciência, da mesma forma que precisamos trabalhar para que obtenhamos a produção. A questão é: que tipo de percepção devemos ter e que trabalho nos cabe executar? Qualquer trabalho ou qualquer percepção?

Trabalho e percepção poderão permanecer sempre incompletos, se não forem utilizadas técnicas de "sutilização da sensibilidade". Este termo "sutilização" deve ser entendido no sentido de refinamento para elevação de grau ou para aumento de velocidade de transformação. É a sensibilidade a ponte que interliga o sujeito ao objeto. Essa sensibilidade é a capacidade de percebermos ou mesmo medirmos velocidades e frequências de diferentes sinais/fenômenos. A dissertação identifica dois métodos de desenvolvimento da percepção: o racional e o da sutilização da sensibilidade. O racional, desenvolvido pela ciência oficial da modernidade; e o da sutilização da sensibilidade, pelas ciências tradicionais, podendo ser exemplificado na ioga. Esses métodos são complementares entre si, não devendo ser vistos de modo algum como excludentes. A unilateralização do método racional aprisiona nossa consciência num nível superficial da realidade. O universo de valores humanos é reduzido a um conjunto de valores utilitaristas a serviço das exigências do progresso material. Perdemos a noção dos valores necessários para nossa evolução espiritual. Com a perda ou esquecimento desses valores tradicionais realimentamos o progresso material ad infinitum, numa espiral cumulativa de crises. Esta espiral é uma trajetória de construção da realidade onde os valores de competitividade, eficiência e produtividade predominam sobre os demais. (p.1).

E ainda segundo SILVA (1992):

O método científico cartesiano representa bem o aperfeiçoamento das técnicas mentais de raciocínio analítico-objetivo. As técnicas iogues e similares representam os métodos de aperfeiçoamento das técnicas de "sutilização da sensibilidade", desenvolvidas em épocas remotas através das "ciências sagradas" tradicionais. A técnica racional analítica-objetiva instaurou-se com o triunfo do moderno método científico há poucos séculos atrás. O método é a alma de uma ciência, uma atividade de conhecimento que se apoia sobre raciocínio e a emoção. A "ciência oficial" de nossos dias é na verdade uma técnica mental de raciocínio. Essa técnica tem nas técnicas de "sutilização da sensibilidade" a sua contraparte. As discussões e o conflito entre "razão analítica" e "intuição intelectual" decorrem do reducionismo que visa absolutizar um "modo", uma "perspectiva", eliminando quaisquer outros. (p.8).

Nesse sentido, Educação, Trabalho e Conhecimento estão intrinsecamente interligados e interdependentes. Educação pode ser entendida, como a própria etimologia da palavra nos remete, aos seus significados antigos: *Educere* e *Educare*.

A necessidade de expandir o conhecimento acumulado para todos indistintamente nos coloca na missão e disciplina (trabalho) de educar com valor, propósito e qualidade. Nesse sentido, devemos compreender a educação em dois

planos e dois caminhos a saber: o horizontal (material, técnico, funcional e útil) e o vertical (espiritual, ético, compreensível e essencial). A educação tem, como tudo no universo, uma razão, um motivo, uma causa e um propósito. Nesse sentido, educar é promover o homem em todas as suas esferas de relacionamento, conhecimento, experiência e integração.

Ela não se restringe a um mero conjunto de conhecimentos técnicos e funcionais que o homem apreende para viver em sociedade. A causa que motiva ou impulsiona o homem a se educar é o impulso de descobertas através de novos conhecimentos a fim de num primeiro instante dialogar e se encontrar pacificamente com seus semelhantes e num segundo instante aprender ou reconhecer os limites, dificuldades, incertezas e necessidades de sua própria natureza e condição, que precisam ser superadas para um crescimento coletivo e individual. A educação deve orientar no sentido de que cada um é servidor e é também servido numa relação humana de cooperação, fraternidade, compaixão, empatia e alteridade. E segundo ÁVILA (1998):

O termo educação se prende a dois verbos latinos, cujo sentido ajuda a enriquecer nossa conceituação: o verbo *edúco*, *educere*, conduzir de dentro para fora, extrair, e o verbo, *éduco*, *educare*, promover o desenvolvimento físico, mental e integral da criação. A ação educativa, com efeito, consiste essencialmente em trazer à plenitude o que está virtualmente latente no ser humano. Todo educador tem algo de Miguelângelo. Ele dizia ver, de certo modo, o Moisés ou a Pietá, ocultos no bloco de mármore. Seu trabalho para ele era apenas desbastar o bloco e liberar a imagem que ele via oculta na pedra. Também a missão do educador consiste em *educere*, extrair todas as potencialidades ocultas do educando, e consiste em *educare* levá-las a seu pleno desenvolvimento (pp ?).

Assim, como bem explicou (Padre) ÁVILA, a educação deve ser um instrumento de construção e reformulação permanente do ser tal como um artista-escultor transforma uma pedra bruta numa imagem belíssima. Num primeiro plano (*educere*), a educação visa o aprimoramento ético-espiritual do ser, e num segundo plano (*educare*) ela deve se voltar para o desenvolvimento de suas potencialidades alicerçadas no primeiro ato educativo (*educere*). Relembrando EINSTEIN (1981) temos que compreender, conforme ele mesmo afirmou, que:

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário, que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e a comunidade. [...] Os excessos do sistema de competição e da especialização prematura, sob o falacioso pretexto de eficácia, assassinam qualquer vida cultural e chegam a suprimir os progressos nas ciências do futuro. (p.27- 29).

A educação tem por dever, esclarecer o homem de seu papel social e existencial. Ela deve elevar o homem e não diminuí-lo; deve buscar a verdade – sempre! - e não se apoiar em falsas premissas manipuladoras. O homem é um ser especial que precisa adquirir a potência em si mesmo no sentido de promover uma autoconsciência, acumulando um poder intrínseco no salto de consciência conquistado no trabalho educativo e ético. A educação deverá ter a finalidade de permitir o homem se autopromover numa etapa evolutiva da consciência superior do ser. E nessa autopromoção o homem finalmente descobrir a sua raiz existencial e o seu destino espiritual na felicidade e no Amor de Deus.

E segundo SILVA (1998):

“A decisão de ser” o que se quer ser é a condição existencial de evolução do ser. E assim, o ser sempre se questionará sobre o seu rendimento humano: o quantum de energia, a capacidade de consciência, e o nível de controle da segurança de sua vida, ou seja, que esforço de fato precisará para se manter vivo, capaz e produtivo para si e para os mundos social e existencial.

O trabalho é um esforço em que se emprega energia, consciência e a própria vida de quem o realiza. Ele é energia e por isso consome calorias. É também consciência porque utiliza-se de meios lógicos mentais-rationais para ordená-lo, controlá-lo e organizá-lo. E por último ele é vida porque seu destino final é para a manutenção da sobrevivência social (de um grupo, nação ou do planeta) ou para a existência pessoal.

O valor do trabalho deve, portanto, ser avaliado em função do quanto o seu conteúdo ajuda ou prejudica, dignifica ou danifica ou equilibra ou desequilibra à natureza humana e o seu meio ambiente. Não se deve

avaliar o trabalho apenas pelo seu conteúdo quantitativo utilitário, mas principalmente pelo seu conteúdo qualitativo essencial.

Nesse sentido, pode-se diferenciar dois processos que qualificam o conteúdo do trabalho. O primeiro processo produz valores necessários à sobrevivência do indivíduo na sua relação com o seu mundo social e ecológico. O segundo processo produz valores essenciais à existência da pessoa na sua relação com o seu Criador e com os mundos social-ecológico e ontológico. Nesse contexto, a pessoa humana transcende ontologicamente o indivíduo humano.

A relação entre pessoa e indivíduo estabelece uma ordem hierárquica no processo evolutivo no interior do mundo humano. Em outras palavras, essa ordem está associada a um princípio de transcendência inerente à condição humana: ser pessoa. A condição humana se divide, portanto, em se realizar como indivíduo e se realizar como pessoa. O indivíduo inserido no mundo social é chamado a encontrar sentido no trabalho socialmente necessário. E a pessoa inserida no mundo sagrado é chamado a encontrar sentido no trabalho essencial ou disciplina pessoalmente imprescindível (os hindus chamam de “sadhana” (progresso espiritual)). São duas naturezas de trabalho e, portanto, de energia, de consciência e de vida. E que se complementam no interior do mundo humano. A harmonia entre essas duas naturezas de trabalho vai depender da cultura, da educação e da civilização em que o ser nasceu, cresceu e se ordenou (se disciplinou ou aprendeu). Ou, vai se realizar através de uma decisão proveniente de uma radical higiene da alma, ou seja, através de uma purificação como resultado de uma profunda crise existencial.

A natureza da disciplina do trabalho determina o sentido de transformação e o modo de realização. O que se planta é o que se colhe. O que se cultiva é o que vai crescer. É a ordem do universo. E é o sentido das leis. O indivíduo atuante cultiva o crescimento social a seu próprio modo, quando pensa e sente construindo modelos de sobrevivência. Mas, a natureza tem princípios que chama esse indivíduo para uma evolução calcada numa transformação de si-transcendental, num modo próprio existencial. Nesse contexto, se apresenta em cada mundo humano particular uma crise de visão e de decisão de valor: o que devo fazer? qual é o caminho certo a seguir? trabalhar para que? satisfazer a necessidade do pão? providenciar o conforto seguro da vida? ou conquistar a liberdade na felicidade do Amor? transcender ou permanecer? É nesse dilema existencial (biológico/moral e moral/ético) que todos os indivíduos modernos, sem exceção, se encontram ou já se encontraram.”(p.6)

Nesse contexto, Trabalho, Energia e Realização estão intrinsecamente interligados e interdependentes. Assim sendo, se torna um tanto difícil definir o que é energia, isto porque a definição é sempre uma explicação de um sujeito sobre uma parcela iluminada do objeto, fenômeno ou princípio. A energia existe num processo relacional entre o indivíduo - que percebe, mede, capta, sente ou utiliza - e o

fenômeno enquanto parte da realidade observada (e que transcende e envolve o próprio sujeito) que se modifica na ação de observar.

No âmbito da ciência, a energia é a capacidade de interconversão ou de realização de trabalho. Esta última, é a definição clássica, ou seja, comum da ciência. A definição moderna de energia é a de Einstein, ou seja,  $E = m.C^2$  (onde E é energia, m é massa e C é velocidade da luz). De um modo geral, nos acomodamos com a definição clássica relacionada ao trabalho e aos fenômenos de baixa velocidade e baixa frequência. O conceito de trabalho é muito amplo. Ele tem raízes históricas, culturais, filosóficas, existenciais e éticas. Ele envolve dimensões variadas. O trabalho pode ser definido como uma diferença de potencial (no campo da física: mecânica e eletricidade), ou seja, a capacidade de mudar um estado de um objeto ou de transportar uma carga elétrica de um pólo a outro num circuito elétrico. Ele pode ser definido como o esforço humano para a consecução de um fim utilitário, econômico ou espiritual; entendido como a base histórica e econômica da existência material, moral e espiritual de uma sociedade; percebido como a mecânica da vida num processo de construção, transformação e destruição criativa ininterrupta.

Assim, a definição de energia a partir do trabalho não encontra base para sustentação. O que descrevemos da energia é o seu efeito na manifestação como trabalho ou na concentração, utilização, modificação, conversão e deslocamento da matéria. A energia está, em síntese, associada ao poder da criação ou da destruição da natureza.

Nesse contexto, se admitirmos por hipótese que o pensamento é também uma forma de energia sutil, toda e qualquer definição se torna limitada pela própria hipótese do pensamento-energia: o pensamento não explica o próprio pensamento - a energia não se explica a não ser pelo poder de criação, renovação e destruição. Por isso, EINSTEIN (1981) afirmou:

Porque os conceitos não correspondem a um conteúdo a não ser que estejam unidos, mesmo de modo indireto, às experiências sensíveis. Contudo, nenhuma pesquisa lógica pode afirmar esta união. Ela só pode ser vivida. E é justamente esta união que determina o valor epistemológico dos sistemas de conceitos (pp.164-165).

A vida em sociedade é uma gestão criteriosa (ou não) das energias humana e natural em prol da coletividade e do indivíduo. Quando a administração dessas energias é feita sem critérios humanos, ou seja, apenas com fins econômicos, os homens são explorados e a natureza destruída - como já está sendo destruída! Por isso, Gandhi afirmou que "*aquele que não sabe governar a si mesmo, não sabe governar ninguém*".

A energia humana se traduz em *poder e transcendência em si mesma*! A ideologia é a dominação do pensamento-energia de grupos humanos.

Um dos mistérios mais fantásticos é a relação entre energia e consciência. O homem emprega a sua energia humana em função de um grau de consciência adquirido ou conquistado. Podemos separar ou isolar a energia da consciência na natureza humana? A utilização da energia foi um marco social importante da vida humana. O homem conquistou mais autonomia quando percebeu que o poder de transformação da energia provocava imensos ganhos em seu processo de domínio da natureza. A cada avanço na descoberta de novas formas de energia estava associado a um grau de consciência inédito. A busca se processou ao longo dos séculos. Novas formas de energia foram descobertas. E novos instrumentos de trabalho foram inventados. Os instrumentos potencializaram novas descobertas de formas de energia. E da mesma forma as novas formas de energia incentivaram o homem a inventar novos instrumentos de trabalho (operacionalização) e descoberta. Essa relação simbiótica foi o motor propulsor da ciência moderna.

O que se pode inferir é que a descoberta de novos padrões de energia está associado à capacidade da consciência humana de criar novos instrumentos de trabalho e descoberta. A descoberta em si é do domínio da ciência pura. E a aplicação do invento é da ciência aplicada. Mas, onde está a consciência? Creio, que não se pode separar energia de consciência. Uma está associada a outra, da mesma forma que não se pode desassociar onda e partícula no fenômeno da luz. A unidade entre consciência e energia é o fenômeno da vida. Assim sendo, o pensamento é tanto um nível de energia quanto um grau de consciência. Quando pensamos emitimos tanto energia quanto produzimos uma fração ou grau de consciência. A constatação desse fenômeno dual e polar é extremamente difícil de se realizar. De um modo geral, os homens modernos estão cativos do processo de produção de consciência racional. A experiência da emissão e captação de energia é

algo que poucos estão atualmente capazes de perceber e "sentir" (sensibilizar) em si mesmo.

A questão básica é que quando tomamos o fenômeno humano como um "objeto" para observação constatamos que os instrumentos inventados pelo homem são incapazes de ver ou "medir" esse fenômeno em suas dimensões mais sutis. Isso nos leva a tornarmos dependentes do nosso próprio sistema de percepção (ou sensibilidade) humana para assim nos vermos como um fenômeno energético. E quando tomamos o fenômeno humano como um "sujeito" precisamos considerar um padrão de consciência como referência para efeito de comparação e inferência do fenômeno da consciência. A leitura ou interpretação da realidade vai ser influenciada pela capacidade humana de se posicionar diante de seu grau de consciência e seu nível de energia em si mesmo. Ora nos veremos como consciências em processo de alargamento ou estreitamento da compreensão, e ora nos veremos como energias em processo de sutilização ou condensação (matéria).

O que se pode afirmar que a falta de harmonia entre consciência e energia produz um efeito paradoxal. Pois, por trás da ordem se vê o caos, e por trás do caos pode se perceber uma ordem. Em outras palavras, utilizando a linguagem do físico David Bohm, por trás do caos explícito tem se uma ordem implícita. E por "trás" da ordem explícita está uma desordem implícita. A ordem explícita diz respeito ao plano tridimensional

A mudança evolutiva humana dependerá da transformação nesses dois processos básicos: a energia e a consciência. A questão é, então, como fazer para transformar o grau de consciência e o nível de energia simultaneamente? Creio, que ao longo da história vários filósofos, místicos, cientistas e religiosos se depararam com essa questão. O próprio Cristo deu a sua resposta na famosa frase "orai e vigiai". O "orai e vigiai" implica em dois esforços ou disciplinas simultâneas e complementares entre si. Em outras palavras, não basta apenas refletir (pensar), faz-se necessário também meditar (não-pensar). O pensar com inquérito (questionamento) desenvolve a consciência, mas somente a meditação na contemplação de si nos permite perceber o nível de energia sutil num dado momentum existencial. As técnicas mentais de raciocínio dos gregos nos levou à construção do mundo tecnológico super-avançado de hoje. As antigas técnicas de

meditação dos iogues produziu fenômenos humanos notáveis de exemplos éticos inquestionáveis: Buda, Cristo, Gandhi, Krshna, etc.

O problema humano no contexto da vida moderna está diretamente associado à práxis dessas duas técnicas. Creio, que o homem moderno se deixou cristalizar na técnica mental (grega) de raciocínio. Por isso, tudo que esse homem criar será incompleto e insuficiente porque preso na unilateralidade de uma práxis, perde o poder ontológico oriundo da utilização da segunda técnica (oriental milenar). Os valores humanos estarão sempre sendo racionalizados e nunca percebidos e vividos diretamente. E por isso, a ética estará ausente apesar dos avanços da tecnologia prometer um mundo de "felicidade", "igualdade" e "liberdade". É, na minha visão, uma evolução utópica porque está inconsciente do poder do fenômeno humano (na harmonização dos "chakras"/energia sutil).

Assim sendo, podemos apontar e discutir os três paradigmas de medicina criados tanto na ciência da razão (analítica-racional) quanto na ciência do "coração" (sintética-intuitiva): a) mente-corpo; b) energia; c) consciência-Deus (Espírito).

O físico quântico GOSWAMI (2006) em seu livro O MÉDICO QUÂNTICO discute esses três paradigmas de forma muito sutil na dualidade do que ele denomina de **medicina convencional** e **medicina alternativa**:

*A medicina convencional* ou *alopatia* se baseia na premissa de que a doença é causada ou por agentes tóxicos externos, como germes (bactérias e vírus), ou por disfunção mecânica de um órgão interno do corpo físico. Na alopatia, a cura se dá principalmente tratando de sintomas da doença, até desaparecerem, por meio da ingestão de remédios, de cirurgia e (no caso do câncer) de radiação de energia. Novas técnicas exóticas, como terapia do gene ou nanotecnologia, cujo objetivo é corrigir o distúrbio mecânico no nível molecular, continuam apenas como ficção científica.

Em contraste, a *medicina mente-corpo* tem como premissa que a doença se deve a um problema mental, por exemplo, *stress* mental. A cura consiste em corrigir o problema com a mente para que esta então restabeleça a fisiologia.

Na visão da *acupuntura*, a doença surge devido a desequilíbrios nos padrões do fluxo de energia (*chi*) no corpo. A cura consiste em corrigir esses desequilíbrios perfurando a pele com diminutas agulhas em pontos específicos do corpo. A energia com que a acupuntura trabalha é a "energia sutil", que não deve ser confundida com as manifestações habituais de energia, que são "grosseiras".

A acupuntura é a modalidade mais conhecida da *medicina chinesa tradicional*, um sistema que, além de acupuntura, utiliza ervas especiais para corrigir os desequilíbrios nos movimentos da energia sutil.

A homeopatia gira em torno da idéia "semelhante cura semelhante" em oposição à cura por "outro" (a droga encontrada por tentativa e erro) da alopatia. A mesma substância que produz sintomas clínicos preocupantes numa pessoa saudável alivia os mesmos sintomas numa pessoa enferma quando aplicada numa concentração bem mais diluída e potencializada,

motivo que leva a homeopatia a afirmar que “semelhante cura semelhante”. Mas a cura fica envolta em mistério com a aplicação frequente (e bem-sucedida) do agente medicinal em diluições como uma parte em 10 (elevado a 30) ou até mais.

O *Ayurveda* é a medicina indiana tradicional. Graças às obras de expoentes como o médico Deepak Chopra (2000), conceitos ayurvédicos como os *doshas* chegaram até a se tornar objeto entretenimento, como quando alguém pergunta: Você é uma *vata*, *pitta*, ou *kapha*? *Vata*, *pitta* e *kapha* são os nomes sânscritos dos três *doshas*, desequilíbrios da estrutura e do movimento do corpo que todos temos em maior ou menor grau. A predominância de um *dosha* ou outro ou às vezes uma combinação de *doshas* caracteriza cada indivíduo. Na verdade, todos temos uma certa quantidade básica de cada um dos *doshas*. Permanecemos saudáveis quando os nossos *doshas* mantém perto das quantidades do nosso nível de base individual. A doença se manifesta quando ocorrem desvios que afastam o corpo dos níveis básicos. Reconduzindo o corpo ao nível de base dos *doshas*, com o uso de ervas, massagens e técnicas de limpeza, recuperamos à saúde.

A *cura espiritual* consiste em invocar o poder “superior” do Espírito, por meio de oração e de rituais semelhantes, para fins de cura (Holmes 1938). Incluem-se nesta categoria a cura xamânica, a cura pela oração, a Ciência Cristã, a cura pela fé e a cura intuitiva” (pp.18-19).

Nesse momento, podemos imaginar uma história fictícia, mas bastante provável de um dia acontecer de fato, de um sujeito que ao se aproximar de um grupo e incomodado com uma enorme verruga no nariz indaga: “Vocês sabem o que está acontecendo com o meu nariz?”. O grupo era formado de indivíduos de diversas formas e correntes de pensamento. Havia nesse grupo um filósofo, um biólogo, um físico, um químico, um antropólogo, um místico, um religioso e um espiritualista. O filósofo pediu a palavra e respondeu: “Meu caro amigo, o teu problema é de ordem existencial e somente solucionará essa questão quando utilizar toda a sua capacidade de entendimento de sua própria natureza, pois segundo Sócrates deves conhecer-te a ti mesmo. Assim, conhecendo a si mesmo, conhecerás a natureza da tua própria criação”. Em seguida, o biólogo tomou a palavra e disse: “Meu irmão, não se preocupe pois a biologia já vem desvendando o mistério do sistema químico-físico mais profundo das células. Já descobrimos que a maioria dos nossos problemas é de ordem genética. Nesse sentido, você deve ter herdado certo tipo de genes de seus antepassados. E como a ciência já vem fazendo estudos sobre a “geografia” genética da natureza humana, logo nós teremos uma solução para todo tipo de verruga localizada”. Logo em seguida, o físico disse: “Meu companheiro, a questão está na estrutura atômica de seu sistema energético. O teu corpo é formado por diversos níveis de energia e certamente a

realidade quântica de seu organismo está dando a você a impressão de existir uma anormalidade, mas isso é pura ilusão. Isto porque segundo a física quântica a erva não é verde, a neve não é fria e a pedra não é dura. Tudo são percepções que criamos de nós mesmos”. O químico se apressou e disse: “Caro colega, a matéria é formada por sistemas atômicos e processos químicos acontecem num processo de transformação muito veloz. A verruga nada mais é do que uma troca de substâncias num fluxo de radicais livres. Isso é uma questão ortomolecular. Mude a sua alimentação e isso desaparecerá”.

O antropólogo emendou dizendo: “A cultura alimentar tanto quanto a cultura social estão criando as condições para o surgimento de um processo de anomalia física. Mude os seus hábitos sociais também. Busque um clima mais suave e ameno que o pH do seu sangue mudará também. E assim o seu organismo responderá e se adaptará num equilíbrio perfeito”. O místico percebendo o silêncio afirmou: “Lembre-se de que você é parte de uma ordem cósmica e por causa disso as energias cósmicas que atravessam o seu sistema energético está encontrando dificuldades. O que você vê como verruga é um estrangulamento da energia Ki (ou *chi*) conhecida pelos orientais. Procure harmonizar os seus chakras e o fluxo de energia voltará a funcionar normalmente. Faça ioga (lê-se iôga) e você encontrará o seu ponto de equilíbrio interior e assim se curará”. O religioso então falou: “Deus está presente em tudo, inclusive em você. Aceite esse mistério e converta o seu problema pela fé. O nosso propósito aqui nesse plano e mundo é aprender a converter tudo pelo poder da fé. Tenha fé em Deus e tudo sairá bem”. O espiritualista finalizou dizendo: “Meu irmão espiritual, entenda que a nossa missão é transcender a carne. A verruga é uma prova que lhe foi dada para que você transcenda-a e cumpra a sua missão espiritual. Tudo nesse plano é teste e autosuperação”.

Moral da História: Não existe uma única verdade, mas vários ângulos e perspectivas diferentes que se complementam para formar um todo holístico da compreensão de que somos mistérios e revelações de um propósito cósmico muito maior do que nossas pretensões racionais. Assim, se fixar numa única perspectiva, é abandonar as demais e com isso se perde a oportunidade de compreender que a verdade não é uma soma ou subtração de quaisquer perspectivas, mas a aceitação de que cada um de nós prescreve uma parte da realidade porque é sujeito criador e não um mero expectador da realidade. Deixar-se conduzir por uma única perspectiva

apenas é alienar-se em si mesmo daquilo que é mais fantástico no ser humano: a liberdade de criar e estruturar a sua própria realidade complexa, plural e holística.

## Referências

- ÁVILA, Fernando Bastos de. **“O humanismo e a educação no 3o Milênio”**. Jornal Folha Dirigida. Caderno de Debates. Ed.no.666, 1 a 7 de dez. 1998.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**, 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**, 2ª ed., São Paulo: Editora Moraes, s.d..
- EINSTEIN, Albert. **Como Vejo o Mundo**, 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- GOSWAMI, Amit. **O Médico Quântico: Orientações de um Físico para a Saúde e a Cura**, São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, Bernardo Melgaço da. **A força do trabalho humano e as suas dimensões ética, estética e técnica nas culturas moderna e tradicional**, COPPE/UFRJ: Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, 1998.470p.
- SILVA, Bernardo Melgaço da. **Trabalho e Transformação: A Organização da Produção e o Nível de Consciência nas Sociedades Modernas**, Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, Tese de Mestrado, 1992, 201p.

Recebido: 23/06/2017

Aceito: 26/06/2017